

PREFÁCIO DE DAVID MOURÃO-FERREIRA PARA A «ANTOLOGIA DE POESIA ERÓTICA E SATÍRICA» (1965)

(...) às «pessoas de boa fé, de boa vontade, de consciência límpida (...) que se vão tornando cada vez mais, na luta contra os preconceitos em que foram (mal) educadas, na guerra – surda ou aberta – ao tartufismo reinante, na corajosa assunção da plena dignidade dos seus sentidos»

«Não ter medo das palavras e não recear as realidades que elas exprimem, é, sobretudo, evitar o trânsito pelo consultório do psiquiatra. Os maiores dos nossos poetas conheceram, desde sempre, esta forma terapêutica. Difundi-la, eis o que importa; eis o que pode contribuir, de maneira decisiva, para encaminhar muita gente, nessas ou noutras vias de libertação. (...)

Mas é provável que também suscite, em meia-dúzia de paranóicos, em duas ou três dezenas de recalçadas, a sádica nostalgia das fogueiras do Santo Ofício.

Pela nossa parte não devemos esquecer o caso daquele magistrado que judicialmente perseguiu, em França, a «Madame Bovary» de Flaubert e «Les Fleurs du Mal» de Baudelaire: anos depois, já reformado, foi surpreendido numa igreja, a introduzir estampas pornográficas nos livros de missa das devotas.

São geralmente assim os defensores da moral pública.»

INTRODUÇÃO DE NATÁLIA CORREIA NA «ANTOLOGIA DE POESIA ERÓTICA E SATÍRICA» (1965) – Excertos

«Normalizar o que uma civilização empecida pelo remorso desfrutou envergonhadamente no irresistível gozo do proibido. (...)

Na nossa sátira, preponderantemente escabrosa o cómico reside menos no conteúdo do que na sua expressão verbal. Dir-se-ia mesmo ser esta que tece aquele, que se enriquece sempre pela fantasia do verbo. (...)

Soterrado nos subterrâneos das literaturas, particularmente se a licença verbal proíbe o foco da consagração pública, regulado pelo puritanismo burguês, o poeta satírico predestina-se, pelo seu génio demoníaco, a uma trágica obscuridade.»

TRANSFORMAÇÕES E METAMORFOSES DO SEXO (JORGE DE SENA)

(...) Eu tenho-me ocupado de «metamorfoses» em poesia (...) e na minha criação literária, os sexos e a interacção deles, mais explícita ou mais implicitamente, ocupam um mais profundo lugar do que na tradição de pudibunda hipocrisia dos portugueses, que, mesmo quando professam odiar a hipocrisia sexual, não deixam de apenas sugerir-la com metáforas galantes. Dir-se-á que a representação do sexo (acto e/ou órgãos) é coisa brutal, e que devemos a um mundo de hipócritas, servir a pílula dourada. Mas como dourar um pénis e um par de testículos? Que bikinis devemos metamorfoicamente pôr-lhes? E, se faço esta pergunta, é porque o machismo (associado àquele lesbianismo latente que é parte da rivalidade das mulheres numa sociedade machista, e que explica a profusão de mulheres nuas ou seminuas em revistas supostamente de modas ou de ideias parvas para mulheres mais parvas ou a emparvecer pela e para a sociedade de consumo), tanto o dos marialvas como o dos delicados, tem um medo danado de exhibir aquelas partes por escrito, ainda que não fale senão delas em privado. (...)

Mais, é uma criatura triste de si mesma, que nem sabe que perdeu a comunicação com o que, supõe-se, tem entre pernas (o que não quer dizer que todas as zonas do amor se concentrem ali, já que os corpos inteiros participam, mas temos de concordar que os órgãos principais, sem os quais nada concluído, estão ali). (...)

É que os puritanos de todos os tempos, em séculos mais recentes, sempre fizeram por esquecer que existe uma dialéctica sexual do ocultamento e da exibição, e sempre pretenderam suprimir o segundo termo, sobrepondo-lhe as cuecas do primeiro. Há razões profundas para isso que não têm que ver com o que se chama decência, e têm que ver com o que se chama, pudor. (...) O pudor não é horror do natural que os órgãos sexuais e os actos sexuais são: é apenas horror e vergonha do uso maligno deles, isto é, de eles serem sugeridos, convidados, mostrados, ou usados para satisfações mórbidas, desprovidas daquela inocência que, por outro lado, não tem nada a ver com a ideia de estar-se ou não marcado por um Pecado Original. Esta inocência é apenas a alegria legítima de um prazer que foi dado ao animal – humano ou não – em relação sexual. Legítima, uma vez que é parte da satisfação do acto sexual conclusivo, ou da consciência de que os órgãos lá estão (e, mesmo para o velho, a que eles não servem de quase nada às vezes, lá estão para a memória corrente de terem servido) no seu lugar, como a anatomia os colocou. Dir-se-á que tal inocência e tais alegrias só são legítimas no coito normal, em decúbito aprovado pelas Igrejas mais

partidárias da cama e do homem por cima, e ainda por cima para a propagação da espécie (no caso a humana mais do que suficientemente propagada, à escala a que está crescendo por falta de adequada política de «contrôle» populacional). Não entraremos na selva obscura das discussões teológicas de séculos de homens que ou eram a virtude requerida em pessoa (e não conheciam mais do que as involuntárias e para eles humilhantes poluções nocturnas, já que nunca se tinham atrevido a pôr a mão no seu pau), ou eram uma data de hipócritas com a criada escondida em casa. Aí não me apanham eles, e, além do mais, o tempo dessas teologias já passou. Se a Divina Providência, a supormos que é providência e que é divina, duas qualidades que não vão necessariamente juntas, ao contrário do que, por hábito automático, se pensa (mesmo quem não acredita), quisesse assegurar garantidamente a propagação das espécies, teria, na sua infinita sabedoria, muitas maneiras de resolver o problema sem prazer que as fizesse, sendo humanas, incorrer em pecado de luxúria, como é sabido, um dos pecados mortais. A evolução humana permite, e a constituição psico-fisiológica do ser humano sempre permitiu, o prazer sexual, na mais absoluta inocência: e não haverá maior inocência do que usar-se ou pensar-se sexualmente, sem a ideia de que teremos ou não teremos consequências reprodutórias. Só assim, na verdade, se conquista por instantes aquela imortalidade aqui e agora, em que existimos por nós e para nós, e para o corpo que se faz um com o nosso, sem que esse momento de liberdade suprema interfira com a liberdade de alguém. Porque todos nós somos únicos, desde os mais sabidos e ilustres e refinados, até aos mais ignorantes, anónimos e grosseiros (e o que nós queremos, aqueles que sabem querer, é que todos cheguem aquela aristocracia psico-sexual de que a liberdade do sexo é parte inalienável), por existirmos: mas ninguém é mais único – e ao mesmo tempo mais anónimo – do que praticando ou contemplando o acto do amor ou aquilo com que ele se faz e é o corpo. (...) E ao procederem assim, vão mais longe ainda: reconquistam aquele sagrado mais sagrado que, no nosso tempo ocidental, se perdeu, menos na palavra e nas obras de alguns escritores e artistas que não recuaram ante coisa alguma (e só por isso muitas vezes atingem uma grandeza que outros mais reticentes e maiores não atingem e é bem feito que não cheguem lá, uma vez que não tiveram coragem de ir até onde lhes cumpria chegar). (...)

Ao princípio não era o Verbo, não era a Acção, não era nada do que tem sido dito. Ao princípio era, e daí nasceram todas as divindades (mesmo que acreditemos que existiam antes de nascerem humanamente para nós), era o Sexo, quando o Homem

(ou seja a espécie humana) o descobriu enquanto tal. Poderíamos e deveríamos dizer que foi esta descoberta (...) o que criou isso a que se chama humanidade, o Homem. O momento em que o sexo passou a ser conhecido como algo em si mesmo, e não como uma função animalmente inconsciente, obedecendo aos impulsos dos ciclos naturais do cio.

(...) Retorno às origens, ao antes de tudo, esse antes de tudo que é o presente do nosso existir e do nosso arder nas chamas – tão metaforicamente antigas e gastas, mas sempre ardentes – do Amor. E, pela primeira vez nesta prosa, creio eu, escrevo a palavra Amor. (...) Dir-se-á que a ênfase no sexo, ou no sexual esquece e suprime aquela palavra mágica (que o é) que tem servido para traduzir em reles vulgaridade a dignidade do que ela significa. Porque o Amor não é senão o desejo sexual elevado à fixação mais ou menos longa (e isso é com cada um, e ninguém tem nada com tal), e à complexa mistura dela com outra coisa que existe no sexo, mas pode repetir-se no acto sexual e passar á vida em comum (momentânea ou inteira dos indivíduos), e que, também animal, constitui outra invenção humana como o Sexo, e é a Ternura. Ser isto já não é pouco. Mas como pensavam os Antigos, o Amor é o Eros supremo, anterior a tudo, e ao qual mesmo os deuses estão submetidos, e é também o Eros-Tânato, em que Amor e Morte se unem (porque morrer é ressuscitar, como sempre se disse do acto sexual, ou voltar ao ventre materno como os túmulos dos povos arcaicos representavam com segura anatomia feminina). Mas é também o amor que move o Sol e as estrelas, como disse o Dante no último verso da sua Commedia. Porque ele é não a paixão, a dor de corno ou de cotovelo, etc., tudo coisas legítimas e inescapáveis do humano. Ele é a vera essência de nós no mundo, através do Sexo e do Divino indistinguíveis precisamente por Amor existir humanamente. Não há deuses sem sexo, e não há amor de Deus que, sem pecado, possa não ser sexual. Porque o maior pecado, se há pecados (e há, dos homens uns para os outros), é castrar o ser humano, o que, para o crente, deveria significar a castração do próprio Deus. (...)

Nos mais fundos poemas de amor, como nas mais belas representações eróticas, sempre perpassa uma última coisa que nos cumpre referir e que está presente (...): Um sentido de humor, a Ironia. A derradeira ironia de quem sabe que o Sim e o Não são a mesma coisa, e que tudo, em transformação, é e não é ao mesmo tempo. E que, como desde sempre se soube e representou ou disse, há um lado gracioso e irónico com que o Sexo nos atrai e engana (e às vezes até nos humilha), com as suas imagens fugidias,

as suas satisfações apressadas, as suas coincidências gloriosas de prazer. É falso que se diga que depois do coito o animal é triste... À luz do que antes dissemos, o animal poderá sentir-se triste. Mas o homem só pode sentir que, uma vez mais, exerceu a sua liberdade. Por certo que a liberdade é – como o Eros referido – uma coisa terrível, que mete medo a muita gente. Mas o único medo legítimo foi sempre o de não enfrentarmos aquilo que, na realidade que temos e não há outra, é mais do que nós mesmos, tal como o falo cresce para o acto sexual, a vulva se concentra e, em segurá-lo e o sémen salta, voltando tudo ao como era antes, ao que parece. E não volta. (...)

Tudo se modifica constantemente, num combinar e recombinar eterno que é o tempo total da nossa vida.